

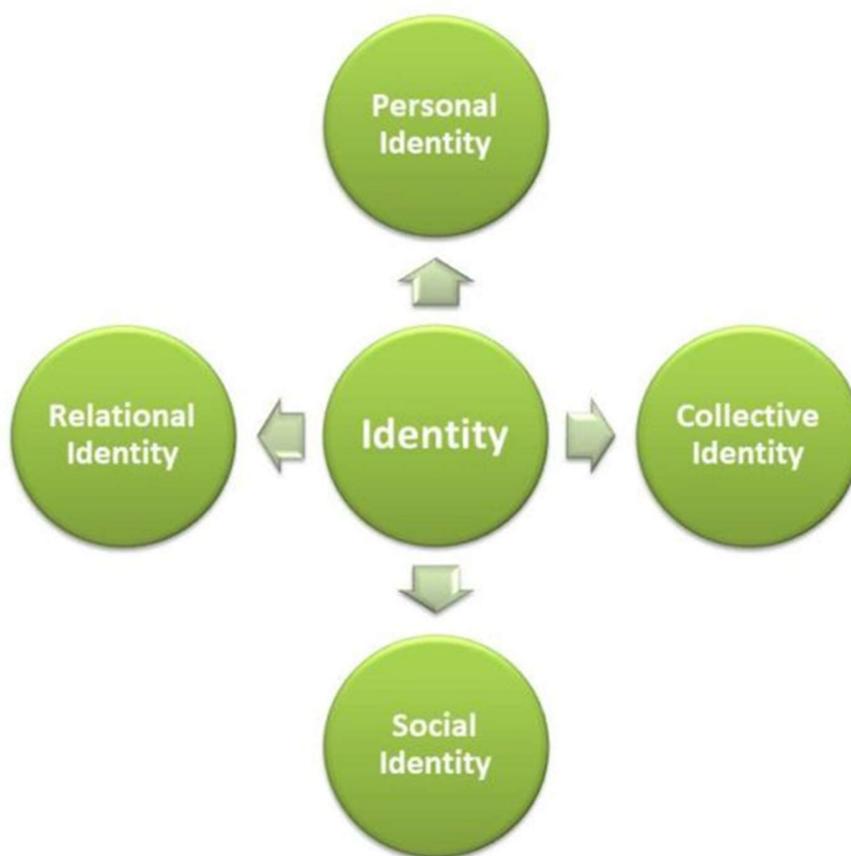
Working Paper

CEsA CSG 188/2023

A IDENTIDADE NACIONAL NA GUINÉ-BISSAU

UM ENSAIO EXPLORATÓRIO INSPIRADO NA METODOLOGIA DE
J.CHEEK, S.BRIGGS, S.SMITH E L.TROPP

**Carlos SANGREMAN, José MAGALHÃES, Raquel FARIA e as sugestões
de muitos guineenses, homens e mulheres**



RESUMO

A investigação define-se como exploratória e tem como objetivo avaliar se a metodologia de inquirição e análise da identidade de J. Cheek, S. Briggs, S. Smith e L. Tropp, pode ser adaptada para um Estado frágil como a Guiné-Bissau. Essa metodologia consiste na apreciação da importância atribuída pelos inquiridos de 70 frases donde se extraem as características da identidade individual e social (familiar e coletiva). As frases foram enviadas por meios digitais a guineenses conhecidos/as pessoalmente ou só por Facebook com pedido de resposta e de divulgação e obtiveram 183 respostas. Essas respostas, apuradas segundo a metodologia adotada, permitiram definir algumas características identitárias dos respondentes. Procurou-se interpretar esses resultados utilizando outros inquéritos feitos desde 2014 na Guiné-Bissau com diferentes temas. Conclui-se percebendo que este é um método que pode contribuir para o conhecimento da identidade nacional dos guineenses, mas insuficiente. Fica ainda por demonstrar esta conclusão se o mesmo for executado com uma amostra significativa estatisticamente.

Palavras-chave Identidade Nacional, Guiné-Bissau, Identidade social, Estados frágeis.

Abstract

The investigation is defined as exploratory and aims to evaluate whether the methodology of inquiry and analysis of identity. created by J. Cheek, S. Briggs, S. Smith and L. Tropp, can be adapted to a fragile state like Guinea-Bissau. This methodology consists in the assessment of the importance attributed by the respondents of 70 sentences from which the characteristics of individual and social identity (family and collective) are extracted. The sentences were sent by digital means to 102 Guineans known in person or only by Facebook with request for response and dissemination and obtained 183 responses. These answers, calculated according to the methodology adopted, allowed to define some identity characteristics of the respondents. We tried to interpret these results using other surveys made since 2014 in Guinea-Bissau with different themes. It is concluded by realizing that this is a method that can contribute

to the knowledge of the national identity of Guineans, but insufficient. This conclusion remains to be demonstrated if it is carried out with a statistically significant sample of the

Keywords National Identity, Guinea-Bissau, Social identity, Fragile states.

Working Paper

CEsA neither confirms nor informs any opinions expressed by the authors in this document.

CEsA is a research Centre that belongs to [CSG/Research in Social Sciences and Management](#) that is hosted by the Lisbon School of Economics and Management of the University of Lisbon an institution dedicated to teaching and research founded in 1911. In 2015, CSG was object of the international evaluation process of R&D units carried out by the Portuguese national funding agency for science, research and technology (FCT - Foundation for Science and Technology) having been ranked as “Excellent”. Founded in 1983, it is a private institution without lucrative purposes, whose research team is composed of ISEG faculty, full-time research fellows and faculty from other higher education institutions. It is dedicated to the study of economic, social and cultural development in developing countries in Africa, Asia and Latin America, although it places particular emphasis on the study of African Portuguese-speaking countries, China and Pacific Asia, as well as Brazil and other Mercosur countries. Additionally, CEsA also promotes research on any other theoretical or applied topic in development studies, including globalization and economic integration, in other regions generally or across several regions. From a methodological point of view, CEsA has always sought to foster a multidisciplinary approach to the phenomenon of development, and a permanent interconnection between the theoretical and applied aspects of research. Besides, the centre pays particular attention to the organization and expansion of research supporting bibliographic resources, the acquisition of databases and publication exchange with other research centres.

AUTORES

Carlos SANGREMAN

Licenciado em Economia no ISEG da Universidade de Lisboa e doutorado em Estudos Africanos em Ciências Sociais, no ISCTE, consultor internacional desde 1985 até ao presente, com missões em todos os PALOP e Timor-Leste para Organizações Internacionais como o Banco Mundial, PNUD, OIM e União Europeia e países como Suíça, Portugal, Suécia, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Investigador no Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento na Universidade de Lisboa desde o seu início, responsável de projetos com financiamento público e privado, nacional e internacional, como os Clusters da Cooperação (Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe e Timor), a Cooperação Descentralizada (Guiné e Cabo Verde), os Direitos Humanos (Guiné-Bissau), a Resiliência das famílias (Guiné), autor de livros, capítulos de livros e artigos em revistas nacionais e internacionais. Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro, onde organizou a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento daquela Universidade entre 2004-2014, é atualmente coordenador do curso a distância “Introdução à Cooperação Internacional” lecionado na mesma universidade em articulação com o Camões, ICL., consultor para a Guiné-Bissau do Instituto de Higiene e Medicina Tropical em Portugal, e da Casa dos Direitos em Bissau.

Raquel FARIA

Licenciada em Administração Pública (menor em Ciência Política), mestre em Ciência Política pela Universidade de Aveiro e doutorada em Altos Estudos em História – Época Contemporânea, com tese na área da Cooperação Portuguesa, pela Universidade de Coimbra. Para além de coordenadora de formação e orientadora pedagógica nos Centros de Formação Talento, é investigadora do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CEsA). Com anos de experiência em projetos de cooperação e investigação, entre os quais “Aquele outro mundo que é o mundo: o mundo dos Media e o mundo do Desenvolvimento” (desde 2014), “Memórias de África e do Oriente (desde 2009)”, o “Cluster como instrumento teórico e prático da Cooperação Internacional para o Desenvolvimento Portuguesa: o caso de Moçambique, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Angola (2012-2014)”, “Alfabeto do Desenvolvimento” (2011 –2012) e o Fórum da Cooperação para o Desenvolvimento

(2008-2011), docente e tutora no curso a distância “Introdução à Cooperação Internacional” lecionado na UA em articulação com o Camões, ICL. Conta com uma série de publicações na área da Cooperação, tendo vindo a participar em conferências nacionais e internacionais. Nos últimos anos, tem-se procurado dedicar, paralelamente, à gestão de projetos e respetivas candidaturas nacionais e internacionais.

José MAGALHÃES

Doutorado em Psicologia (Desenvolvimento e Intervenção Psicológica) e especialista em Gestão de Recursos Humanos. Na qualidade de Psicólogo detém as especialidades da Ordem dos Psicólogos Portugueses em Psicologia do Trabalho, Social e das Organizações, Psicologia da Saúde Ocupacional e de Psicologia Clínica e da Saúde. Docente universitário na Universidade de Lisboa /ISCSP na Pós-Graduação de Gestão de Recursos Humanos, e na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) em Psicologia. É formador credenciado por IEFP, ACT (Segurança no Trabalho) e especialista em Igualdade de Oportunidades/Género. É investigador integrado do Centro de Investigação em Psicologia da UAL e investigador convidado (Trabalho, Emprego, Género e Organizações) do SOCIUS do ISEG da Universidade de Lisboa e do CEPES do Porto. A sua atividade de investigação tem-se centrado na área organizacional, nova empregabilidade, criatividade, riscos psicossociais e valores de vida, com particular interesse no método dos casos e na perspetivação da prevenção e diagnóstico de atualidade. Coeditor da Revista PSIQUE (CIP-UAL).

CONTEÚDOS

AGRADECIMENTOS

SÍNTESE: A IDENTIDADE E AS POLÍTICAS

OBJETIVO

METODOLOGIA

A TEORIA SOBRE A IDENTIDADE DE UM POVO

ANÁLISE DAS RESPOSTAS AO INQUÉRITO:

A IDENTIDADE PESSOAL

A IDENTIDADE FAMILIAR

A IDENTIDADE COLETIVA (OU PÚBLICA)

AS FRASES QUE APOIAM A INTERPRETAÇÃO DAS RESTANTES

A RESILIÊNCIA COMO IDENTIDADE SOCIAL

AS LIMITAÇÕES DESTE ENSAIO

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

More Working Papers CEsa / CSG available at:

<https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/publicacoes/working-papers/>

TABELAS

TABELA 1: Exemplo de valores da escala atribuída por cada pessoa a cada frase e cálculo de agregados. Componente I.Pessoal e I.Familiar

TABELA 2: Questão: Se o chefe de família for atingido por uma doença grave o que faz?

TABELA 3: Questão: Se o professor da escola se vai embora por falta de salário

TABELA 4: Questão: Se começar a haver violência na zona de residência

TABELA 5: Questão: Se a sua habitação for destruída por um incêndio

TABELA 6: Questão: Numa situação de falta de recursos grave aceitará atividades como:

GRÁFICOS

Gráfico 1: Identidade social guineense de acordo com os inquiridos.

More Working Papers CEsa / CSG available at:

<https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/publicacoes/working-papers/>



CENTRO DE ESTUDOS SOBRE
ÁFRICA E DESENVOLVIMENTO
ISEG - Universidade de Lisboa

*Dedicado a Francisco Costa, o Chico Costa,
com o qual cada conversa sobre o seu país era
uma surpresa desafiante como não tive nenhuma
outra na Guiné-Bissau.*

Carlos Sangreman



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os guineenses que responderam ao inquérito desenvolvido no âmbito da presente investigação. O facto de partilharem com os mesmos as suas opiniões de como classificavam, no âmbito das suas vivências diárias, cerca de setenta frases que contemplavam múltiplos aspetos da vida social, em geral, fazem-nos sentir genuinamente gratos. Agradecemos ainda ao António Có e ao Jaime Katar pelos comentários e sugestões escritas que fizeram.

NOTA PRÉVIA

A identidade nacional é um conceito muito difícil de definir com rigor suficiente para se poder medir, apesar de ser cada vez mais usado seja por cientistas e académicos, por grupos sociais variados, ou mesmo, cada vez mais, pelos média. Por ser constituído por múltiplas variáveis, ser evolutivo (ou seja, muda com o tempo e com as circunstâncias) e querer ser a síntese de identidades pessoais também muito diferentes entre si e evolutivas. A sua utilidade advém de se acreditar que esse conhecimento permite caracterizar a essência social dum povo melhor do que outros existentes e, por conseguinte, procurar com mais segurança formas de dar coesão ao acordo social necessário para se viver em coletivo.

Assim, os métodos de definir a identidade ainda estão na fase experimental em todo o mundo, obtendo-se até agora resultados pouco convincentes. Este ensaio é uma tentativa de contribuir para esse processo no caso da Guiné-Bissau.

Os autores

Síntese: a identidade guineense

PELO INQUÉRITO DE 2021 DE AUTOCATEGORIZAÇÃO

(183 respostas a inquérito digital com 70 frases classificadas por importância)

- Orientam a sua vida pessoal por valores e objetivos pensados para o futuro.
- Orientam a sua vida familiar pelo objetivo de ter uma família com uma vida estável e serem bons/boas chefes de família.
- Concordam com a ideia de promoção da igualdade de género.
- Orientam a sua vida profissional pela procura de um trabalho e de uma carreira profissional para o qual se sintam motivados(das) mais do que pelo dinheiro que ganhem.
- Orientam a sua vida social de proximidade pela prossecução do diálogo e da procura da contribuição de todos, considerando que a instrução/educação é um contributo muito importante para esse requisito de sociabilidade.
- Orientam a sua vida coletiva pela importância dada à segurança, à justiça, ao governo, ao presidente, a eleições livres e informadas.
- Finalmente dão muita importância a terem orgulho no seu país (*Guinendadi*).
- Recusam atribuir qualquer importância a um homem ter várias mulheres, à família decidir sobre casamento, a poderem recorrer ao irã, a ser responsabilidade do homem colocar comida na mesa e de ter no trabalho um chefe homem.
- Recusam atribuir importância à procura de ser diferente dos outros, à popularidade e atração dos outros por si, aos grupos de idade e aos grupos socioeconómicos, à etnia de pertença e à possibilidade de recorrerem à justiça tradicional. Também na importância de conhecer várias gerações anteriores da família, os respondentes atribuíram uma baixa importância.
- Dão pouca importância à religião, aos partidos e à língua.

POR UM INQUÉRITO, EM 2019, SOBRE A DEMOCRACIA

(amostra com 700 unidades estratificada por regiões e SAB)

- O poder pertence ao povo e não aos eleitos, nem a quem chefia. Deve ser exercido por um conjunto de pessoas eleitas, incluindo um chefe que detenha a autoridade máxima.
- A escolha deve ser feita por eleições onde todos possam votar livremente.
- O desígnio nacional mais importante é o desenvolvimento. A unidade nacional é importante, mas menos que o desenvolvimento.
- Os políticos podem ter privilégios (casa, carro, salário), mas não na oportunidade de educação dos filhos, que deve ser igual para todos.

POR UM INQUÉRITO, EM 2018/19, SOBRE RESILIÊNCIA

(amostra com 210 unidades estratificada por regiões e SAB)

- A capacidade de as famílias ultrapassarem dificuldades e crises apoia-se na família, nos vizinhos e amigos, e só em segunda e última instância nas instituições coletivas do Estado.

POR PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E UM INQUÉRITO SOBRE FIGURAS PÚBLICAS FEITO A ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS A ESTUDAR NA GUINÉ-BISSAU EM 2021

- Os mitos nacionais de fundação da nacionalidade: não existe um mito único. Há vários mitos de fundação de diferentes etnias, mas não um mito de fundação do país.

- A História: com conhecimento nacional vai desde as guerras entre Mandingas e Fulas (finais de século XIX) até aos dias de hoje, com uma consciência mais forte da Guerra de Libertação (1963-74), vista como positiva, e da Guerra do 7 de julho (1998-99), vista como negativa para o bem-estar das famílias.

- Os heróis nacionais:

Só existe um herói histórico com reconhecimento nacional: Amílcar Cabral;

Só existe um herói combatente: Nino Vieira (não o político, mas sim o combatente) que personaliza os combatentes na Guerra de Libertação (1963-74). Os atuais militares não são heróis, mas sim “um problema”, apesar de os estudantes universitários considerarem o CEMFA Biaguê Na N'Tan como a segunda pessoa com quem mais desejariam trabalhar quando acabassem a licenciatura;

Só existe uma pessoa viva que “caminha” para ser herói contemporâneo: Domingos Simões Pereira, que é a primeira pessoa com quem os estudantes universitários gostariam de trabalhar depois de acabar a licenciatura.

Só existem duas (três) heroínas (embora menos conhecidas): Titina Silá, Francisca Pereira e Cármen Pereira (estas últimas confundidas frequentemente como sendo a mesma pessoa). As duas mulheres vivas que os estudantes universitários consideram mais aptas a ocupar lugares de chefia e responsabilidade são Odete Semedo e Suzi Barbosa.

QUAIS AS CONCLUSÕES PARA A PRÁTICA POLÍTICA NO PAÍS

1ª A formulação de políticas deve ser pensada e explicada nas suas dimensões pessoais, familiares, sociais e coletivas, pois os guineenses dão importância muito igual a todas as dimensões da identidade.

2ª Deve ser salientado que as políticas, propostas ou aprovadas, incluem a promoção da igualdade entre os guineenses que não veem com bons olhos serem diferentes uns dos outros, nem a existência de pessoas ou famílias privilegiadas.

3ª As políticas direcionadas para a família, para intensificarem a ligação entre os seus membros, são bem aceites.

4ª Igualmente são bem aceites as políticas com objetivos ligados ao fim de alguns costumes, como o casamento forçado ou a desigualdade de género.

5ª As políticas devem tomar em conta que os guineenses estão muito atentos à governação e têm opiniões definidas sobre as instituições de exercício do poder político.

6ª As políticas devem ter como questão central a promoção do desenvolvimento nas suas múltiplas dimensões, com a educação e saúde como primeiras prioridades. Uma forma síntese destas políticas pode ser a de um contrato social para o desenvolvimento.

7ª O descrédito nas instituições, mesmo em situações de crise, leva à aceitação (através da ideia de ser banal na cultura guineense) da informalidade social em muitos aspetos da vida, uns dentro da lei, outros nas suas margens, que as políticas devem combater pois prejudica o desenvolvimento do país.

Objetivo

Este ensaio exploratório tem como principal objetivo desenvolver e apresentar uma narrativa que defina a identidade do povo da atual Guiné-Bissau, de uma forma operacional, com a consciência bem clara que os dados recolhidos são uma amostra sem representatividade estatística. Ou seja, procuramos construir conhecimento científico da realidade (Weber, 1904) que seja e funcione como um instrumento nas mãos dos atores públicos e privados, nacionais e internacionais, residentes e não residentes, que intervêm cívica e/ou politicamente no país. Aliás na linha de Amílcar Cabral quando diz que não se pode confundir o que “temos na nossa cabeça com a realidade” com consciência que “A nossa realidade, como todas as outras realidades, tem aspetos positivos e aspetos negativos, tem forças e fraquezas.” (Alguns Princípios do Partido, Capítulo II Realidade, pág.41, Seara Nova, 1974). Para cumprir este objetivo,

explica-se em detalhe a metodologia seguida de forma que se perceba com clareza o que nos propusemos fazer.

Muito do que está escrito neste ensaio vem do conhecimento decorrente de 37 anos de consultorias, investigação, trabalho de assessoria na Guiné-Bissau e de dois anos de residência no país (86/87) de um dos autores portugueses e das contribuições em múltiplas conversas de muitos guineenses homens e mulheres. Se temos consciência que em qualquer sociedade existem sempre muitos segredos, mais ou menos explícitos, que nunca são revelados, consideramos que o conhecimento adquirido ao fim de todos estes anos é uma base que esperamos seja suficiente com a ajuda dos próprios guineenses que responderam ao inquérito, para o primeiro passo na investigação a que nos propomos.

Metodologia

Metodologicamente, iniciou-se a investigação com a conceção, execução e análise de um projeto exploratório, de forma a testar a metodologia concebida por Jonathan Cheek, Stephen Briggs, Shannon Smith e Linda Tropp. Esses investigadores propõem a classificação de frases com uma escala de Likert, de escolha com 5 graus de importância, nomeadamente:

- 1 - Não penso que seja importante;
- 2 - Tem alguma importância;
- 3 - É bastante importante;
- 4 - É muito importante;
- 5 - É extremamente importante.

As frases que esses investigadores utilizam foram alteradas em função do objetivo de investigação – identidade de pessoas de nacionalidade guineense – de acordo com o nosso conhecimento do País. Chegou-se a uma lista de 70 frases, definidoras de valores, escolhas individuais, sociais e coletivas que constituem as componentes da

identidade social (ver ponto adiante)¹ – que foi enviada a 102 pessoas, a partir de ficheiros de estudantes, amigos e conhecidos, com pedido para divulgarem. Obtiveram-se 183 respostas, o que nos fez perceber que o tema é visto com uma importância maior do que inicialmente esperávamos. Com os resultados obtidos, desenvolveu-se uma matriz, que sem pretensão de representatividade estatística, permite-nos testar a metodologia confrontando os resultados com o conhecimento já existente sobre a sociedade guineense.

Note-se que num inquérito exploratório como este não foram recolhidos meta dados. Ou seja, os respondentes mantiveram o anonimato de nome, sexo, instrução, profissão, residência, entre outros dados de natureza pessoal, pelo que o apuramento das respostas é mais limitado, sem cruzamentos de variáveis, nem critérios de estratificação.

Se o processo e os resultados forem satisfatórios, é possível pensar noutro projeto com uma amostra significativa da população por regiões e setor autónomo e com recolha de meta dados.

Os resultados atuais apuraram-se pela soma dos valores de cada resposta das frases que compõem as diferentes dimensões e componentes da identidade social (Pessoal-Familiar e Amigos-Social-Coletiva)² e da média aritmética dessas somas.

Vejamos o exemplo que se segue, relativo às componentes Identidade Pessoal (IP) e Identidade Familiar (IF).

¹ Tenha-se presente que as metodologias seguidas em investigações sobre este tema (mestrados e doutoramentos), para a Guiné-Bissau, baseiam-se normalmente em entrevistas e/ou histórias de vida, focam-se em grupos étnicos muito precisos ou subtemas associados à ideia de identidade (como são exemplo em português Diana Lima Handen, Carlos Lopes, Tchernó Djaló, Clara Carvalho, Moema Augel, Wilson Trajano Filho, Artemiza Monteiro, Joacine Katar Moreira, entre outros). No período colonial desenvolveram-se e implementaram-se inquéritos etnográficos junto de algumas das etnias guineenses (ver o site de <http://memoria-africa.ua.pt/>) mas sem a conceptualização do conceito de identidade tal como se encontra hoje na literatura científica.

² Ver no ponto seguinte a definição destas componentes.

Pessoas	Frase 1	Frase 2	Frase 3	Frase 4	Frase 5	Identidade Pessoal (frases 1,2,5) Soma	Identidade Familiar (frases 3 e 4) soma	Médias I.Pessoal	Médias I.Familiar
1ª	1	1	2	4	3	1+1+3=5	2+4=6	5/3=1.67	6/2=3
2ª	5	2	3	5	4	5+2+4=11	3+5=8	11/3=3.67	8/2=4
3ª	3	4	2	4	3	3+4+3=10	2+4=6	10/3=3.33	6/2=3
4ª	4	4	3	3	3	4+4+3=11	3+3=6	11/3=3.67	6/2=3
5ª	2	4	2	4	4	2+4+4=10	2+4=6	10/3=3.33	6/2=3
6	3	3	3	5	3	3+3+3=9	3+5=8	9/3=3	8/2=4
7	3	4	2	5	3	3+4+3=10	2+5=7	10/3=3.33	7/2=3.5

Tabela 1: Exemplo de valores da escala atribuída por cada pessoa a cada frase e cálculo de agregados. Componente I.Pessoal e I.Familiar

Há autores que calculam as somas das classificações por frase e as médias resultantes:

Pessoas	Frase 1	Frase 2	Frase 3	Frase 4	Frase 5	I.Pessoal (frases 1,2,5)	I.Familiar (frases 3 e 4)	Médias I.Pessoal	Médias I.Familiar
Soma	21	22	17	30	23	21+22+23=66	17+30=47	66/3=22	47/2=23.5

Exemplo 1. Componente I.Pessoal e I.Familiar

Este cálculo permite evidenciar a Frase 4 que tem uma importância muito superior às outras para os respondentes. Na presente investigação utilizou-se o primeiro exemplo.

A partir destes cálculos e do conteúdo das frases, elabora-se a análise que deve levar a uma definição de identidade. Podem calcular-se outros indicadores estatísticos ou fazer uma análise fatorial, mas tem de se ter em atenção a efetiva utilidade de tais cálculos e da sua interpretação em função da sociedade guineense.

Existe um conjunto de frases cujas respostas devem ser analisadas isoladamente pois podem ser incluídas em mais de uma componente da identidade e ajudam a interpretar os resultados. São as frases que os investigadores que criaram a metodologia intitulam “itens especiais”.

Elaboraram-se subpontos de “Observações” antes da análise de cada dimensão identitária a partir do conhecimento que os autores têm do país, de alguma reflexão com base noutros autores e em inquéritos anteriores. A ideia subjacente é que essas reflexões ajudem no aprofundamento deste tema em investigações futuras.

A teoria sobre a identidade de um povo

Falar sobre identidade de determinado grupo populacional, significa identificar e refletir sobre todo um conjunto de características de natureza pessoal, familiar, social e coletiva. São várias as dimensões que a temática encerra, estando todas elas interligadas enquanto coletividade, expressando-se de formas variadas consoante a valorização individual de cada um. Essa valorização é determinada pela educação, geração e contexto sociocultural.

Vejamos, um adepto de determinada equipa de futebol (por exemplo, o Sport Bissau e Benfica) irá, natural e automaticamente, integrar-se no grupo social dos adeptos do mesmo clube, independentemente de serem sócios ou não. Porém, o simples facto de ser-se sócio ou não, determinará a importância que essa pertença tem para cada adepto. Se é sócio (maior a valorização), se não é, será menos importante no âmbito da sua identidade. Este exemplo mostra como para alguém poder afirmar que determinada característica faz parte da sua identidade, tem de considerar,

conscientemente, que pertence ao grupo social que é definido por essa característica. Os autores em que nos inspiramos para criar este questionário (Cheek, J. M., & Briggs, S. R., 1982) consideram que a Identidade é composta por duas dimensões, a saber:

1. Identidade pessoal: a concepção íntima de si mesmo e os sentimentos de continuidade e singularidade;
2. Identidade social (ou pública): a estruturação das relações sociais de cada pessoa, subdividindo-se em familiar, social de proximidade e coletiva (ou pública).

O conceito de identidade *familiar* é bastante instintivo e abrange o conjunto de pessoas que designamos por família alargada embora se possa dividir nalgumas sociedades em pessoas com o mesmo sangue e pessoas integradas na família, mas que não são parentes consanguíneos.

A identidade *social de proximidade* tem que ver com a reputação, popularidade, relacionamento com outros vizinhos, colegas de trabalho ou pessoas que participaram numa vivência muito intensa (desastre, catástrofe natural, atentados, guerra, revolução) e mantiveram contacto. Ou seja, o relacionamento de cada pessoa com aqueles que lhe são próximos ou o conhecem. Os amigos no Facebook, por exemplo e dada a importância atribuída às redes sociais, podem ser incluídos nesta característica, apesar de poderem nunca se conhecerem presencialmente. Na Guiné, as *Mandjuandadi* têm identidades sociais de proximidade.

A identidade *coletiva ou pública* está relacionada com a pertença a grupos mais alargados, onde as pessoas não se conhecem, apesar de atribuírem a si mesmas categorias iguais: raça, etnia, religião, naturalidade (lugares onde nasceu ou onde viveu), patriotismo, orgulho de ser natural de um determinado país, a pertença a partidos e associações na atividade política ou cívica, as pessoas capazes de comunicarem nos mesmos idiomas/línguas e a profissão que exercem. Para a Guiné-Bissau a *Tchon* ou *Con* de cada etnia como lugar de origem e a *Guinendadi* como nome da componente coletiva de ser guineense. Os emigrantes que formam associações de amigos de uma tabanca podem assumir uma componente coletiva. Mas se a tabanca for tão pequena que todos os seus habitantes presentes ou emigrados, se conheçam e planeiem atividades conjuntas (financiar a escola, organizar grupos de vigilância,

trabalhar a terra em conjunto, ajudar alguém em dificuldades) então é uma componente social de proximidade.

A reflexão sobre o que é e aquilo que determina a identidade de um povo é crucial para identificarmos o “eu” coletivo e o nosso próprio “eu”. Trata-se de uma dimensão do saber, do ser, da sociologia, essencial no percurso e história dos povos. Esta reflexão só muito recentemente tem sido feita, até porque, e pelo menos até meados da década de 60 do século XX, não se falava em identidades, mas sim de nacionalidades. A evolução desde a obra *Os princípios de psicologia* de William James, 1890 e daquele que se mantém como o autor de referência do conceito de identidade tal como o entendemos hoje, o psicólogo sueco Erik Erikson que começou a investigar em 1933, mas só em 1963 com a publicação de *Enfance et Société* consegue difundir o seu trabalho junto dos investigadores de ciências sociais, afastando-se dos seguidores de Freud na psicanálise e aproximando-se daqueles que acentuavam a componente social e evolutiva ao longo da vida da personalidade de cada pessoa. A identidade é definida por Erikson (1976) com, pelo menos, três significados: 1) uma procura inconsciente de uma continuidade nas vivências; 2) um sentimento consciente de unicidade individual; 3) a solidariedade para com as ideias de grupo. E vai – se alterando com o tempo como sintetiza Brian, J. O’Neill (1997): “as identidades [...] são mutáveis, manipuláveis, sujeitas a transformação e adaptação ou infinita reconstrução”.

A auto compreensão desta “instabilidade” formada de pertenças múltiplas é interpretada por Amin Maalouf como chave para a construção de uma relação com os outros – ou seja o nóculo central da identidade social : *“Se virmos a nossa identidade como sendo feita de pertenças múltiplas, algumas delas ligadas a uma história étnica e outras não, algumas ligadas a uma tradição religiosa e outras não; a partir do momento em que conseguirmos ver em cada um de nós, nas nossas próprias origens, na nossa trajetória, os confluente diversos, as contribuições diversas, as mestiçagens diversas, as diversas influências subtis e contraditórias; a partir deste momento, cria-se uma relação diferente com os outros, tal como com a nossa própria tribo”* (Maalouf, 1998) . Este mesmo autor defende a ideia de que uma identidade que se fecha à evolução se torna perigosa, no sentido em que envereda facilmente por discriminação, violência, genocídio, guerra (a escrever em 1998 refere como exemplos seus contemporâneos a guerra na Jugoslávia pós Tito, o genocídio no Ruanda, o apartheid na África do Sul, o Irão dos Ayatollah e a

guerra no Líbano). Sempre em nome de defender a sua identidade que supõe ameaçada pela transformação que a sociedade nacional ou internacional lhe vai fazendo.

Como Amílcar Cabral referiu várias vezes quando considerava o tribalismo como inimigo da unidade nacional, a formação da identidade surge sempre nas situações de confronto com um outro ou uma realidade exterior, como sucedeu com o colonialismo sobretudo na guerra colonial. Por isso tentou “acelerar” a transformação das identidades étnicas guineenses numa identidade nacional, sabendo que foi sempre a divisão entre etnias que permitiu a instalação do regime colonial (Caomique, 2022). Onésimo Almeida resumia afirmando: *“É ao confrontar-se com outra cultura que um nacional se apercebe da diferença entre essa e aquela a que pertence”* (Almeida, 1995).

A atual investigação sobre identidade apoia-se na ideia da autocategorização e na interpretação que autores como Jonathan M. Cheek, Shannon Smith, and Linda R. Tropp (2002) fazem dos componentes e processos da identidade. Ou seja, cada pessoa (e não outro alguém de fora) define as características que considera comporem a sua identidade e qual a importância que atribui a cada uma. É a partir dessa autocategorização que se podem extrair padrões para um dado grupo social mais alargado, como os nacionais de um país. Outros autores fazem interpretações diferentes, mas dentro da mesma metodologia básica de autocategorização procurando definir identidades grupais (por exemplo: “identidade académica”, “identidade jovem”). Uma alternativa fora desta metodologia seria a análise da construção histórica e cultural de uma identidade coletiva feita por observadores exteriores, com recurso a entrevistas sobre aspetos variados dessa identidade (história, religião, organização social, cultura familiar, música, língua e literatura). O trabalho de conceção do inquérito de Cheek e Briggs (1982) resulta da evolução das características que se podem inquirir da identidade, presentes em Sampson, E. E. (1978) e que os inquiridos podem avaliar em relação a eles próprios.

Quando o foco está na identidade social existem valências que contextualizam a análise mais abrangente que de algum modo se aproxima do conceito de felicidade, ou bem-estar subjetivo, muito interligado com a segurança percebida. Neste contexto em Portugal, autores como Marujo, Perloiro & Neto (2020), têm marcado presença com os

seus estudos e intervenções sobre a realidade portuguesa. Inevitavelmente são estes sentimentos que podem ter impacto na observação da identidade de um povo.

A identidade dos habitantes ou nacionais de um qualquer país tem suporte em valores objetivos e subjetivos que a vivência da sociedade propicia em função dos fluxos de impactos sociais que vão ocorrendo. Uma das situações de maior visibilidade no contexto da reação social psicológica tem a ver com a perceção da segurança. Ou seja, um país onde os casos de criminalidade, terrorismo e instabilidade funcional seja disruptivos e de dimensão visual abrangente gera uma transferência para os cidadãos duma perceção cognitiva de insegurança e esta faz diminuir o sentimento de felicidade. Numa lógica de continuidade dissonante do *status quo* social inevitavelmente a identidade social cristaliza-se em valores onde a descrença, o pessimismo permanente e a fraca resiliência fragilizam a autoestima das populações.

Tendo em consideração os pressupostos defendidos por Cheek, J.M., a identidade assenta em valores que englobam a personalidade, a relação, o coletivo e o social. Estamos claramente a referir a semelhança e a diferença que podem ocorrer entre a personalidade (que de algum modo individualiza o comportamento) e o social (que de outro modo estabelece o impacto da relação enquanto atores sociais). A identidade pessoal e a identidade social têm linhas de proximidade e de afastamento que se podem percecionar como “dois polos que dependem um do outro” (Bus, 1980; Deschamps & Devos, 1998). Contudo, a identidade social implica incontornavelmente uma análise destes dois fatores.

A existência de uma identidade de grupo (familiar, social de proximidade ou coletiva) inclui a presença de conflitos intergrupais. Ou seja, as pessoas podem ter a mesma identidade social, mas haver conflitos entre elas. Esses conflitos expressam-se por muitos motivos como o acesso desigual a recursos, a ambição por poder social político ou económico, rivalidades familiares, etc., mas não implicam em geral mudanças de identidade que, quando acontecem, são fortemente sancionadas socialmente pelo grupo original (Tajfel, H. & Turner, J., 1979). Por exemplo, posso estar em desacordo com a forma como os professores aceitam ou recusam o sistema de carreiras e lutar contra essas pessoas, mas isso não significa que ponha em causa a minha identidade profissional como professor.

O que nos propomos fazer é contribuir para uma investigação que articule essa autocategorização individual com a identidade social na Guiné-Bissau. O impacto de uma identidade social feita com base em fatores convencionais permite, por um lado, que a sociedade, constituída na interação dos grupos, consolide uma visibilidade que de algum modo transmita o equilíbrio necessário para a estabilidade na diferença e, por outro, que a nível individual possa emergir um sentimento de pertença que marque o impacto subjetivo de bem-estar – uma *Guinendadi* trabalhada concetualmente. Em complemento, esta procura da identidade social permite registar o que pode estar aquém do desejado e dar suporte para a sua retificação e/ou ajuste. Este impacto em termos psicossociais é fundamental para que a sociedade, grupos e indivíduos, acreditem que são parte integrante nessa identidade e, num outro paradigma, que se assumam para construir um processo de desenvolvimento.

A identidade de cada pessoa é um composto entre as componentes – a pessoal, familiar, social de proximidade e a coletiva ou pública (Buss, 1980; Maalouf, 1998; Jonathan M. Cheek, Shannon Smith, and Linda R. Tropp, 2014). Em cada um de nós existe um equilíbrio diferente entre estas e que pode variar com a idade e com as circunstâncias da vida. As pessoas com maior peso da identidade pessoal dão mais importância às suas experiências particulares, sonhos, fantasias e sentimentos. As pessoas com maior peso de identidade social ou coletiva (pública) tendem a identificar-se mais com grupos sociais. Vêem-se como pessoas sociais, partilhando atitudes e pertenças com os outros. Por exemplo, numa situação de luta (armada ou não), para mudar políticas ou mesmo um regime político ou para se defender de uma agressão de um inimigo externo, a componente coletiva torna-se dominante, assumindo-se como secundária quando resolvida. Foi o que se passou com os Combatentes da Liberdade da Pátria na luta de libertação contra o regime colonial. Uma vez obtida a independência, era de esperar que muitos deles desenvolvessem a sua identidade dando mais peso à sua educação formal, à família, à profissão, aos rendimentos, etc., características da identidade pessoal e social de proximidade. Uns conseguiram essa transição, outros escolheram ficar “fechados” na identidade de “antigo combatente” (Barros, Filinto de, 1999; Mendes, P.R. 2013 e 2019).

Note-se que aquelas características das pessoas como a cor da pele, do cabelo, dos olhos, a sua estatura, as deficiências físicas, o sexo de nascença, a etnia, só são

características da identidade quando têm importância para o indivíduo ou para a sociedade onde se insere. O facto de uma pessoa ter olhos castanhos e outra azuis, ou uma ter 1,80 m e outra 1,60 m de altura só tem importância se tal for um atributo de beleza física (ou de poder mágico ou divino) para a sociedade em que vive. Para um africano negro que viva no Sul dos Estados Unidos a sua cor de pele tem uma importância na identidade, que é maior do que se viver em França e nula se viver no país de origem. O aspeto do rosto se significar, numa determinada sociedade, que a pessoa pertence a classes sociais com níveis mais altos ou mais baixos de rendimento, educação e poder, então essa característica faz parte da identidade. Essa importância também pode variar com o tempo: o significado social de se ter nascido balanta, ioruba, curdo ou lapão não é hoje o mesmo que era 100 anos atrás.

Tenha-se presente também que as características da identidade familiar, social de proximidade ou pública, são sempre definidas considerando “quem está dentro pertence a um grupo e quem está fora não pertence”, mesmo que essa distinção não traga quaisquer conflitos. Uma característica comum a todos não faz parte da identidade de ninguém porque não diferencia grupo ou indivíduo dos outros: por exemplo todos que estamos vivos respiramos ar, logo não existe quem respire ar e quem respire água ou quem não respire. E assim o “respirar ar” não tem nenhum significado individual ou social.

A identidade de cada pessoa vai evoluindo ao longo da vida. Consideram os autores da Psicologia Social que a motivação para ter uma identidade que o próprio considera positiva é a motivação central para essa evolução. O resultado, quanto a nós, é um aglomerado de características cujo peso relativo evolui com a vida de cada um, e essa evolução pode ser positiva ou negativa, apesar da pessoa tentar sempre que seja positiva, segundo a sua própria ideia de quais as positivas e negativas. Se uma pessoa emigra para outro país tanto pode considerar a situação em que se encontra como positiva ou como negativa. As pessoas que fogem da guerra e estão em campos de refugiados, consideram a situação em que se encontram positiva, em relação ao que viveram, e negativa em relação ao que esperam vir a viver ou em relação ao que eram antes da guerra. Se uma pessoa nascida em famílias pobres consegue acabar um curso superior e arranjar um trabalho mais qualificado que nenhum membro anterior da

família teve, evoluiu para uma identidade que considera positiva em relação aquela que o seu grupo familiar de pertença tem.

A possibilidade real e cada vez mais expandida de obter informação (via internet, filmes, televisão e redes sociais) de acontecimentos em todo o mundo, de estabelecer contactos via telemóveis entre pessoas fisicamente muito afastadas, introduz elementos na evolução identitária que não eram tão intensos anteriormente. O debate sobre essa influência e sobre a possibilidade de caminhar para uma uniformização de características não cabe nesta investigação, mas não se deve ignorar, pois os sinais são fáceis de encontrar.

Como mencionado, a identidade tem vários níveis: individual ou pessoal (cada um individualmente), de grupo próximo (família e amigos mais chegados), de grupo social de referência (comerciante, músico, pintor, técnico superior, funcionário público, militar, natural de Gabu, Biombo, ...) e de grupo coletivo ou público mais geral (guineense, balanta, fula, bijagó, católico, muçulmano, africano, europeu...). Tendencialmente quanto mais pequeno e próximo é o grupo, mais homogéneo (a igualdade entre membros é maior) é considerado pelos seus membros. Ou seja, pode dizer-se que existe uma identidade de grupo. Mas se o grupo for maior, apesar de existir uma característica que é comum, a identidade de grupo é mais difícil de definir e na prática implica maiores variações. Os Guineenses são uma identidade coletiva pela nacionalidade comum, mas nessa identidade existem grupos com pessoas muito diferentes e com outras características. Basta pensar nos Guineenses pobres, nos remediados e nos ricos. Há autores que consideram a pertença a uma etnia como a característica coletiva que melhor define esta população, mas cada uma é diferente da outra e, portanto, para esses autores, a nação guineense é uma identidade cuja característica principal é ser composta por 32 identidades étnicas diferentes entre si. Há outros autores que não consideram essa característica como a principal, mas sim como uma das principais a par de outras (como por exemplo ser homem ou mulher, ser da tabanca ou da praça, ter instrução ou não ter, entre outras). Julgamos que a pertença étnica continua presente, mas tende a perder importância geracional com o acesso a informação que as tecnologias proporcionam e com a assunção de valores transversais a essa pertença, sobretudo no espaço urbano, nas famílias com membros de várias etnias, mestiças (Tcherno Djaló, 2012) ou na diáspora guineense. Ou, dito de outro

modo, as identidades étnicas vão – se tornando secundárias à medida que a identidade nacional se afirma, na linha (mas com uma evolução muito lenta) do que afirmou Amílcar Cabral nas várias ocasiões que se referiu ao “tribalismo” e à “unidade nacional” ou a luta de libertação como ato de cultura³. Para além da autocategorização mencionada, a leitura e análise dos dados de um inquérito neste domínio – como aquele que fizemos – implica a consideração de componentes que podem não ter sido questionadas, mas que contribuem para a identidade de um povo.

Referimo-nos às memórias pessoais. A memória tem um papel importante na definição da identidade, seja em que nível for. Seja uma memória da sua vida passada, da família atual ou dos antepassados, dos amigos vivos ou falecidos, de mitos e heróis ou vilões da sociedade. Essa memória tanto pode contribuir para a identidade com características positivas como negativas.

Na história (por exemplo, a guerra entre Mandingas e Fulas que destruiu o reino mandinga do Kaabu; o período colonial e a resistência ou colaboração face ao regime colonial; a guerra de libertação; a independência; a guerra civil de 1998/99.). Cada identidade nacional recorda a sua história de forma diferente daquilo que outros podem considerar realidade. Ou seja, a sociedade num determinado momento histórico considera uma interpretação da realidade passada conforme lhe é mais conveniente.

Nos mitos: Amílcar Cabral como herói histórico⁴ máximo do país; Nino Vieira como maior combatente; a Unidade Nacional, uma das bandeiras principais do PAIGC, como

³ Por exemplo, ver textos com datas variadas de Amílcar Cabral (ed.1974), Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta (Editora Nova Aurora); Libertação nacional e cultura (1970) - Conferência pronunciada no primeiro Memorial dedicado ao Eduardo Mondlane, na Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos da América.

⁴ O herói histórico é uma figura real, cujos feitos mudaram a história de uma população (ou mesmo da humanidade), mas, ao mesmo tempo, as estórias contadas sobre ele ganharam uma dimensão de mito. O herói seria o que compreende as condições sociais maduras e encarna na sua liderança aquilo que sua época determina. O herói, portanto, estaria limitado pela “cultura” do seu tempo (Feijó, 1984) mas o seu nome é reconhecido de alguma forma pela esmagadora maioria da população de qualquer idade, quer tenham ou não convivido com ele/ela. Outro autor, Hook, 1945, alarga o campo de identificação de heróis ao afirmar que se materializa em

ideologia criadora do país; os mitos ancestrais criadores das etnias; o Homem Novo nascido na luta pela independência construtora de uma nova sociedade. As Lendas⁵ lembram alguns outros heróis sobretudo ligados à expansão fula, mas não nos parece poder atribuir o estatuto de mito ou herói histórico nacional a essas figuras de reis e chefes.

Nos tabus (ou seja, os temas de que se evita falar): a relação homens/mulheres⁶; a colaboração com o regime colonial; a impunidade dos militares⁷; quem esteve envolvido no assassinato de Amílcar Cabral⁸; as lutas e contradições dentro do PAIGC desde o tempo da guerra de libertação; a história da relação entre Guiné-Bissau e Cabo Verde.

No simbólico: cada etnia tem um conjunto de símbolos próprios que se expressam nas cerimónias, na relação com os seus antepassados e nos mitos fundadores, nas manifestações festivas, na produção artesanal, nas crenças animistas ou na forma como vivem uma religião.

peças reais, em grandes homens e mulheres que tiveram influência decisiva em seus respetivos campos de atividade. O herói contemporâneo é aquela pessoa viva que pela sua vida até ao momento poderá, ou não, entrar na galeria dos históricos.

⁵ Veja-se a compilação feita por Manuel Belchior, 1971, Lendas da Guiné Portuguesa, Editora Ultramar.

⁶ O livro “Combater dois colonialismos” (1980) de Stephanie Urdang sobre este “tabu” é uma raridade pois parte de uma frase/ideia “incómoda” dita verbalmente por Amílcar Cabral ao Embaixador cubano em Conacri, Óscar Oramas-Oliva: “a mulher guineense combate dois colonialismos o do colono e o do homem”.

⁷ Significativamente é, ainda hoje, um autor português Pedro Rosa Mendes que tem os textos mais consistentes sobre este tabu Mendes P.R. (2013 e 2019).

⁸ Basta ver os textos que surgiram no contexto dos 50 anos do assassinato para perceber as interrogações ainda presentes. Por exemplo José Pedro Castanheira no Expresso de 21 de janeiro em <https://expresso.pt/revista/2023-01-22-Quem-mandou-matar-Amilcar-Cabral--b2057cf5> ou a entrevista de Dauda Bangoura em <https://www.publico.pt/2023/01/22/mundo/depoimento/ate-assassinos-amilcar-cabral-certamente-arreperderam-minuto-seguite-2035864>.

Na cultura: expressa na criação literária, na poesia, no teatro e cinema, na música e noutras artes e que se pode refletir no modo de viver, na vida social, cultural, espiritual, na organização e ordenamento do território, na construção das habitações, no seu estilo de vestuário, na gastronomia. No espaço social político onde se debatem as opções coletivas que queremos tomar enquanto nacionais de um país, as identidades de género, etnia, cultura, minoria e nacionalidade foram conquistando presença social às identidades baseadas em ideologias, capitalismo, liberalismo, comunismo, socialismo, esquerda, direita. Esse processo vê-se na crescente dificuldade que os partidos têm em abordar as ideologias em processo eleitorais (onde necessitam de fazer-se entender a votantes muito heterogéneos) e na crescente emergência dessas outras identidades. Nesse mesmo espaço social político o debate, explícito ou implícito, inclui sempre uma variável de dependência face ao exterior que revela a distância ainda existente entre a capacidade de se dizer guineense e a capacidade de assumir a responsabilidade plena de o ser. Essa característica de dependência crónica salvadora das incapacidades internas, acompanhada do discurso miserabilista sobre o país, é cultural, tem antepassados no modelo social colonial e está longe de estar mudada apesar das décadas de independência. O papel da Guiné-Bissau no mundo, para além do feito que foi a vitória sobre o colonialismo, ainda está, 50 anos depois, por esboçar. Os guineenses com o sucesso na luta de libertação e a independência - que só muito lentamente e com avanços e recuos cumpre o sonho daquela -, protagonizam “o desafio triunfante e a dificuldade de assumir tranquilamente esse triunfo”.⁹ Aliás pode-se ler a importância que Amílcar Cabral dava às crianças – as flores da luta – como uma mensagem de clara clarividência à geração de combatentes que a independência só cumpriria o seu destino nas gerações seguintes e não na deles. Quase meio século depois da independência, a identidade social guineense continua em construção (o que pode ser visto como um sinal de um dinamismo positivo) mas com ausência de quem consiga ir compreendendo e passando para o coletivo o ponto de situação dessa construção. Ou falta de vontade de quem tem capacidade para o fazer.

⁹ Frase de Eduardo Lourenço, 1988, pág.20 aplicada aos portugueses.

Análise das respostas ao inquérito

A IDENTIDADE PESSOAL

As frases

As frases relacionadas com as características deste tipo de identidade objeto de inquérito foram as seguintes doze (entre parênteses a média das classificações atribuídas):

- 1-As minhas coisas (média = 3,5)
- 2- Os meus valores morais (média = 4,3)
- 5- Os meus sonhos imaginados (média = 3,3)
- 8- Os meus objetivos e esperanças no futuro (média = 4,3)
- 11- As minhas emoções e sentimentos (média = 3,4)
- 14- Os meus pensamentos e ideias (média = 3,8)
- 18- O modo como lido com as minhas ansiedades e medos (média = 3,0)
- 21- O meu sentimento de ser diferente dos outros (média = 2,0)
- 25- Saber que o meu íntimo é sempre o mesmo seja quais forem as voltas que a vida dá (média = 3,2)
- 27- Aquilo que penso de mim mesmo (média = 3,7)
- 32- A avaliação que faço de mim mesmo (média = 3,7)
- 49- Ter um trabalho que goste ganhe o que ganhar (média = 3,5)

Observações

A identidade pessoal no mesmo indivíduo vai mudando com o passar do tempo. Em linguagem coloquial diz-se que a personalidade se vai formando nos primeiros anos (infância e adolescência) e amadurecendo nos seguintes, mas sempre em evolução. As pessoas mais velhas na Guiné-Bissau passaram por acontecimentos radicais como a repressão do sistema colonial, a Guerra de Libertação, o fim do colonialismo e a independência 1973/74, o golpe de Estado de novembro de 1980, a Guerra Civil de 1998/99. Mas os mais novos, quem tem hoje até 22-23 anos não passou por nenhum desses acontecimentos e a sua personalidade evoluiu mais linearmente sem saltos bruscos comparáveis com os mais velhos, apesar da instabilidade da vida político-militar guineense. Há autores que consideram a maternidade um acontecimento significativo para a formação da identidade pessoal da mulher, e sem paralelo nos homens. A personalidade dos jovens na era de acesso aos telemóveis e à internet também evoluiu de forma diferente daqueles que não tinham/têm o volume de informação, contactos e pessoas como modelos de referência que esses meios proporcionam. No contexto dessa evolução cada pessoa está consciente e tem capacidade de se pensar a si próprio nos seus sentimentos, vontades e sonhos imaginados (embora com níveis de complexidade diferentes dependentes da sua instrução e da sua capacidade de pensar). Essa evolução mantém a memória de estados anteriores mesmo que ultrapassados e sem qualquer influência atual. Não nos interessa nesta investigação detalhar as várias escolas de processos de formação dessa identidade, mas sim articular essa ideia com a metodologia de autocategorização. Ou seja, se as pessoas têm capacidade de pensar a evolução da sua própria personalidade então são as melhores fontes para afirmarem como é composta a sua identidade pessoal.

A análise das respostas

Das frases incluídas no inquérito, apenas uma recolhe uma atitude de rejeição entre 60% e 80% dos respondentes: a frase 21 sobre a importância de ser diferente. E apenas uma recolhe aprovação entre 60% e 80%: a frase 2 sobre a importância dos valores. Esta última tem praticamente a mesma média que a frase 8 sobre a importância dos objetivos e esperanças futuras de vida. Ou seja, os guineenses respondentes escolhem

a igualdade com valores, objetivos e esperanças futuras como as características mais importantes da sua identidade pessoal.

As médias das restantes frases variam entre 3.0 (medos) e 3.8 (pensamentos e ideias), tendo uma valorização positiva com relativa unanimidade numa atitude de “mais ou menos” positiva, em áreas tão variadas como o gosto / motivação para o trabalho, a opinião/avaliação sobre si mesmo, as emoções, os medos e os sonhos. Note-se que para estas questões é mais difícil do que se poderia pensar em teoria, formular uma opinião num inquérito, pois implica que exista uma reflexão pessoal sobre si próprio que o respondente ou não fez, ou considera que não deve manifestá-la para o exterior por ser do foro íntimo.

Estes resultados significam uma orientação para o outro da identidade pessoal dos respondentes mais valorizada do que a introspeção centrada sobre si mesmo apesar da diferença não ser muito significativa.

Nas frases de apoio talvez a 19 sobre a importância de ser homem ou mulher poderia considerar-se relacionada com esta dimensão Pessoal da identidade. Mas a média das respostas é negativa (2,1). Ou seja, os respondentes não dão importância a essa característica; o que é coerente com a recusa da desigualdade.

A IDENTIDADE FAMILIAR

As frases

As frases relacionadas com as características deste tipo de identidade objeto de inquérito foram as seguintes dezanove:

- 4- Ser de uma família com muitas gerações conhecidas (média = 2,4)
- 22- A minha relação com família e amigos (média = 3,9)
- 26- Ser um bom amigo daqueles de quem gosto (média = 3,7)
- 28- A minha preocupação em ter uma relação íntima duradoura (média = 3,7)
- 31- A capacidade de partilhar experiências importantes com os meus (média = 3,9)
- 34- Ter uma relação íntima em que ambos sejam felizes (média = 3,9)

- 35- Ligar-se a um nível íntimo com outra pessoa (média = 3,1)
- 39- Minha vontade de compreender bem o meu parceiro/a ou amigos(as) (média = 3,9)
- 41- Ter laços estreitos com outras pessoas (média = 3,2)
- 43- O meu sentimento de ligação com aqueles que estou perto (média = 3,4)
- 46- Ter os meios de poder falar a distância com os meus amigos e familiares (média = 3,7)
- 47- Ter acesso a terra para plantar para comer (média = 3,5)
- 50- Ter filhos e filhas (média = 3,6)
- 59- Ser um bom chefe de família (média = 4,5)
- 62- Saber que se trabalhar com vontade consigo ganhar dinheiro para viver bem (média = 4,1)
- 64- Os mais velhos orientem os jovens sobre a vida (média = 3,4)
- 65- Um homem tenha dinheiro para ter várias mulheres (média=1,1)
- 66- Que a família escolha os casamentos (média = 1,3)
- 68- A responsabilidade de pôr comida na mesa é do homem. (média = 1,8)

Observações

A família e os amigos próximos constituem o primeiro espaço social em que a pessoa aprende a assumir uma identidade social. Ou seja, aprende a lidar com outros. Aprende os limites de comportamento face aos outros. Em teoria esta configuração da identidade familiar tem consequências para toda a vida. A identidade de uma pessoa que, em criança e ou adolescência, viveu num meio familiar com afeto e recursos materiais evoluirá de forma diferente doutra que viveu num meio agressivo e com privações. Desse grupo se pode dizer que a afetividade, os sonhos e os desejos são o cimento que une as pessoas. Em princípio é também nesse grupo que os valores, as normas de comportamento, de comunicação e a atitude face à sociedade são comuns e se transmitem entre gerações. A responsabilidade mútua também se desenvolve neste tipo de grupo. Ou seja, em tempos de paz, a ligação em que cada um se sente

responsável pelos outros, é feita em primeiro lugar com a família e amigos próximos. Os familiares e os amigos próximos são a base social da formação da personalidade pessoal face a outras pessoas na infância, na adolescência, na evolução sexual e na organização da vida social de cada um(a).

Na Guiné-Bissau este grupo é fundamental para cada pessoa, independentemente do nível de instrução e do espaço (rural ou urbano) de habitação. As *Mandjuandadi* ou *Manjuandadi* como grupos de pessoas da mesma idade, enquadram-se neste tipo de identidade. As angústias da procura de orientação de vida profissional, de perceber qual o seu lugar na sociedade, das escolhas entre ficar ou migrar, de casar ou não, a aceitação das tradições com a submissão ou a revolta à autoridade dos mais velhos, colocam-se em parte a nível da identidade pessoal e em parte a nível da identidade de grupo familiar a amigos próximos, não havendo nenhuma separação rígida. Este tipo de identidade inclui também o conjunto de vínculos que mais condiciona cada pessoa, sendo em geral traumático para quem tenta fugir. O exemplo guineense mais referido são as fugas de raparigas ao casamento decidido pela família (aliás como sucede em vários países em diferentes continentes).

Note-se que a estrutura hierárquica das famílias, a transmissão de valores, a expressão da afetividade e a relação geral entre os seus membros vai evoluindo, essencialmente pelo alongamento do período de vida com melhor qualidade do que em qualquer outro momento da História, com a diminuição do número de filhos por mulher e com o aumento enorme do acesso a fontes de informação, que as tecnologias proporcionam, sobre outros países, modos de viver, de pensar, de se divertir e de comunicar.

Na Guiné-Bissau o elevador social clássico mundial – a educação formal – foi ganhando força nas famílias que ao longo dos quase 50 anos de independência têm as suas crianças e adolescentes a estudar na escola o maior período de tempo que conseguirem e procuram bolsas para se irem licenciar em universidades fora do país¹⁰.

¹⁰ Esta evolução é detetada nos inquéritos feitos ao longo dos anos de investigação e trabalho na e sobre a Guiné-Bissau. Num inquérito sobre democracia com resultados ainda não publicados (2020) os inquiridos aceitavam que os governantes tivessem vários privilégios (casa e carro de serviço, subsídios além do salário...) mas entre aqueles não aceites estava em primeiro lugar o acesso com prioridade dos filhos a bolsas de estudo.

A educação dos jovens passou a ser uma componente forte na identidade de cada família mesmo com níveis de rendimentos e património muito diferentes.

A análise das respostas

Das frases incluídas no inquérito, duas recolhem uma atitude de rejeição acima dos 80% dos respondentes e uma entre 60 e 80%. Frases 65, 66 e 68 sobre a relação homem mulher na família e entre gerações. É claro que a visão da família se alterou para estes respondentes no que respeita a monogamia/poligamia, o poder de decisão sobre casamentos e a responsabilidade financeira do homem na família. Tal transformação não afeta a noção de boa chefia da família sem especificar o género (frase 59) com a média mais alta das frases deste tipo de identidade.

As médias das respostas às dezanove frases permitem a seguinte leitura: a) Os respondentes adotam uma identidade familiar que se constrói fora dos aspetos hoje considerados negativos das relações familiares; b) Os respondentes consideram que a estrutura familiar, com uma pessoa considerada primeiro responsável “chefe de família”, se mantém muito importante; c) As restantes componentes deste tipo de identidade têm médias positivas entre 3,0 e 3,9. Isto é, aspetos como a relação e comunicação entre membros da mesma família em geral ou numa relação íntima e entre amigos, ter filhos/filhas, têm importância, mas não são nem muito nem extremamente importantes.

Nas frases de apoio não nos parece haver nenhuma relacionada com esta dimensão de Identidade Familiar.

A IDENTIDADE SOCIAL DE PROXIMIDADE

As frases

As frases relacionadas com as características deste tipo de identidade objeto de inquérito foram as seguintes catorze:

3- A minha popularidade. (média = 2,2)

- 6- O modo como as outras pessoas reagem ao que digo e faço (média = 3,0)
- 9- A minha aparência física (média = 2,4)
- 12- A minha reputação ou bom nome junto dos outros (média = 3,9)
- 15- A atração dos outros por mim (média = 2,4)
- 16- O meu grupo de idade (média = 2,3)
- 17- O modo como os outros vêem a minha personalidade (média = 2,9)
- 37- Ser capaz de ouvir as opiniões dos outros (média = 4,3)
- 40- A minha instrução escolar (média = 4,2)
- 44- O meu papel de estudante na faculdade (média = 3,6)
- 48- Ter salário alto seja qual for o trabalho (média = 3,0)
- 51- Saber que posso ter ajuda e que posso eu ajudar parentes e vizinhos (média = 3,8)
- 58- Ter um comité de bairro ou de tabanca a funcionar (média = 3,9)
- 69- Todos os homens e mulheres adultos da família devem contribuir para o bem-estar (média = 4,1)

Observações

A palavra-chave neste tipo de identidade é “cultura”. A cultura social como relacionamento com os outros que não são família nem amigos chegados, existe em diferentes sociedades ou espaços diferentes num mesmo território e moldam a identidade. Na Guiné-Bissau a dicotomia entre o espaço social tradicional e o espaço moderno é evidente e constitui mesmo uma componente importante da construção da Nação e do Estado depois da independência¹¹.

É nossa perceção que este inquérito exploratório não considerou suficientemente esta característica identitária para um país africano.

¹¹ A conceção da luta de libertação como um ato de cultura como Amílcar Cabral afirmava pode ser lida neste contexto.

A nível pessoal a contradição entre características deste tipo de identidade torna-se uma característica por si mesma. Ou seja, uma pessoa pode ter uma personalidade composta de vários papéis sociais em simultâneo ou em sequência ao longo da vida. Ser investigador numa universidade internacional, *Djambacus ou Jambakus* e seguir rigorosamente uma religião monoteísta, podem ser características da mesma pessoa que compõe a sua identidade social de proximidade articulando papéis sociais e regras e comportamentos considerados em geral pouco homogêneos. Este é o primeiro nível de consciência e existência que vai além do individual/pessoal/familiar/amigos próximos. É neste espaço social de proximidade que a personalidade de cada um(a) se molda à existência dos outros fora da zona de conforto da família e amigos próximos.

A identidade de cada pessoa pode não passar deste nível de forma ativa. Ou seja, uma pessoa pode passar toda a vida sem nunca ter a componente coletiva com a importância da identidade pessoal e da identidade social de proximidade. Ou apenas considerando muito superficialmente as questões que a componente coletiva levanta. Hoje a possibilidade de comunicação permanente entre amigos e conhecidos próximos facilita o peso da componente social de proximidade, que acaba por atingir um peso determinante: a necessidade de partilhar todos os momentos da vida (por mais triviais que sejam) via Facebook, ou outro meio, torna presente em permanência aqueles com quem se partilha, mais do que outros, independentemente do conteúdo e das interrogações levantadas por aquilo que se partilha.

Este tipo de identidade tem uma característica significativa que é o reconhecimento social. A aceitação por parte de quem consideramos mais sábio ou mais importante socialmente pode alterar a importância que atribuímos a esta característica e moldar a nossa personalidade de forma mais intensa que outra qualquer, seja positivamente seja negativamente, através do desprezo ou de “ser ignorado”. Note-se que no espaço familiar este reconhecimento também existe como característica sobretudo entre gerações. Mas surge em geral com importância atenuada ou transformada pela proximidade e relação familiar.

O trabalho, ou seja, a atividade profissional, tem um peso significativo nesta característica da identidade. Ter uma atividade pouco valorizada socialmente (guarda prisional) ou muito valorizada (juiz) leva a identidades que organizam a sua vida de forma a estarem afastadas exceto no espaço da atividade; as famílias de juizes não

convivem com as de guardas prisionais mesmo que se tenham de se ver todos os dias devido à atividade que fazem. Ou a criar duas identidades: uma no trabalho com os colegas de atividade, outra fora do trabalho com família, vizinhos e amigos.

Nos inquéritos feitos em diferentes momentos na Guiné-Bissau as famílias tendem a considerar por exemplo a agricultura como uma atividade medianamente valorizada (mais para pessoas mais velhas e menos instruídas, menos para jovens) e a ausência de atividade como desvalorizada socialmente e surge muitas vezes disfarçada de ser “estudante”, sendo pouco frequente jovens adultos homens ou mulheres declararem que não tem atividade. Mas para as mulheres ser horticultora já é uma característica valorizada positivamente pois significa alguma autonomia em relação ao homem. Num inquérito feito em 2022 a horticultoras em Bissau, Bafatá e Oio uma das respondentes sintetizava assim *“Este trabalho é tudo para mim, porque é aqui que consigo sustentar a minha casa através da venda dos produtos que vendo então preciso de grande e muita ajuda para eu poder ter grande rendimento e guardar alguma coisa.”* (D.M., Granja)

Exercer uma atividade que é socialmente respeitada por quem não faz parte dos seus praticantes é uma motivação positiva atrativa pela procura de atividade. Durante anos depois da independência quando se perguntava se as pessoas tinham emprego era entendido como perguntando se eram funcionários públicos, pois esse era o único trabalho com contrato duradouro. Hoje tal questão já não é entendida da mesma forma e o estatuto social do funcionário degradou-se acompanhando a crescente fragilidade da Administração na prestação de serviços à população vista como tendo em grande parte níveis variados de corrupção. Para um setor de atividade como os professores, que todos os anos têm manifestações e greves, a profissão exercida é um elemento da sua identidade mais forte que outros setores sem lutas cívicas.

A análise das respostas

Das frases incluídas no inquérito, nenhuma tem aprovação ou rejeição assinaladas por mais de 80% dos respondentes, nem entre 60 e 80%. O que significa que existe uma dispersão assinalável na opinião dos respondentes. O bloco mais valorizado é constituído pelas frases 37, 40, e 69, sobre a importância de ouvir o outro, da instrução/educação e de procurar a contribuição de todos para o bem-estar. As médias

mais baixas respeitam às frases 3, 9, 15 e 16, sobre a popularidade, o aspeto físico, a atração que os outros sentem pelo respondente (carisma) e o modo como é visto socialmente. Ou seja, os respondentes dão importância à relação de ouvir e ter o contributo informado de todos, mas não ao que esses outros pensam deles, exceto a sua reputação ou bom nome junto dos outros (frase 12).

A frase 58 sobre comités de bairro ou tabanca e a 51 sobre ajuda de vizinhos e família têm uma média quase idêntica e superior à frase 33 sobre a importância de pertencer a uma associação ou grupo organizado. Parece apontar para a atribuição de importância à organização espontânea ou de amigos e conhecidos e menos a associações (como os partidos) as quais se adere pelos objetivos.

Nas frases de apoio, além da 33 já referida, note-se a 36 sobre a importância da carreira profissional que tem uma média alta de 4.3, coerente com as respostas a frases da identidade familiar sobre profissão, salário e motivação.

A IDENTIDADE COLETIVA (OU PÚBLICA)

As frases

As frases relacionadas com as características deste tipo de identidade objeto de inquérito foram as seguintes 17:

7- A minha etnia (média = 2,4)

10- A minha religião e a minha crença (média = 2,7)

13- Os lugares onde nasci vivi e cresci (média = 3,2)

20- O meu comportamento social (média = 4,1)

24- O meu sentimento de pertença a uma comunidade (média = 3,0)

29- O meu orgulho no meu país (média = 4,3)

38- O meu compromisso político/partidário (média = 2,6)

42- A minha língua, como o meu sotaque regional ou dialeto ou uma segunda língua que eu sei (média = 2,6)

- 52- Ter terra com produção para vender (média = 3,2)
- 53- Ter um governo que faça boas escolas e bons hospitais (média = 4,8)
- 54- Ter uma justiça de confiança (média = 4,8)
- 55- Ter uma polícia que garanta a segurança (média = 4,8)
- 56- Ter um presidente que promova o desenvolvimento (média = 4,8)
- 57- Poder votar para eleições em quem achar melhor (média = 4,6)
- 61- Saber que consigo arranjar um modo de ganhar dinheiro rapidamente (média = 2,3)
- 63- Ter um chefe homem (média = 1,3)
- 70- Ter informação sobre o que se passa no meu país (média = 4,4)

Observações

A pertença a uma etnia constitui em muitos países um elemento diferenciador importante de identidade coletiva, mesmo que tal não dê origem a conflitos armados. Neste caso o nascimento é determinante apesar de haver, no caso da Guiné-Bissau, uma mistura enorme nas famílias, de pessoas de etnias diferentes.

A religião é outra das características importante neste tipo de identidade mesmo sem a existência de fanatismos ou vocações místicas que a tornam a dominante absoluta. Na Guiné-Bissau existe uma mistura de religião (muçulmanos, cristãos¹²) e crença animista, sendo corrente que faça parte da identidade de cada pessoa uma religiosidade monoteísta e uma crença no poder dos irãs. E essa característica identitária é comum a pessoas com níveis de instrução, rendimento e presença na sociedade muito diferentes. Na atualidade contemporânea o modo como cada um vive essa característica varia com o tempo: tendencialmente cada geração interpreta de maneira algo diferente a importância da religião/crença, mas é uma característica muito forte com um papel abrangente de influência sobre outras.

¹² Num inquérito feito em todo o país em 2022 surgiu mesmo a resposta “cristãos de Geba” à pergunta sobre “qual a etnia”. A atual igreja de Geba foi construída em 1934, e existe informação sobre a primeira visita de um bispo a Geba, Dom Frei Victoriano do Porto em 1694, há 329 anos.

Não pensamos que a tendência de individualização (ou seja, de pertença ao tipo de identidade pessoal) que a laicização tem trazido em muitos países, tenha um peso significativo. Isto apesar da resposta sobre religião ser “pouca importância” indo contra a permanente referência ao divino que surge nas observações de diferentes inquéritos. Mas é esse o resultado neste grupo de pessoas que tem acesso a internet sem dificuldades e, presumivelmente, uma educação alta em média. Para mais quando, seja o islamismo, seja o cristianismo têm conseguido transformar-se aproximando-se das muitas faces e modos de crer das identidades individuais e comunitárias de proximidade (Hervieu-Léger, 2016).

A Nação guineense de hoje é consolidada pela independência, pelas fronteiras coloniais (incluindo aquela Norte com Casamança/Senegal que separa em dois uma região onde as comunidades são idênticas), pelas línguas oficiais (crioulo e português) e por um sentimento coletivo de independência que, na guerra civil de 7 de julho de 1998/99 unificou a maioria das forças armadas (e os seus “parentes” de Casamance) quando os vizinhos Senegal e Guiné-Conacri intervieram de um dos lados em conflito. Como já se referiu, a identidade social nacional é composta, em teoria, por uma história e antepassados comuns, língua (expressa na fala, na literatura e na poesia), território, heróis e vilões, tradições, mitos, tabus e simbólico, crenças/religião e artes (como a pintura, escultura, música e teatro).¹³

A análise das respostas

Esta dimensão da identidade foi aquela que teve as médias mais altas com igual ou mais de 80 % dos respondentes a atribuírem os dois escalões “muito” ou “extremamente” importante a oito frases (53,54,55,56 e 70) e entre 60 e 80 % a atribuírem a mesma classificação a outras três frases (29,57 e 60). Há apenas uma frase considerada de importância negativa - a 63 sobre ter um chefe homem na profissão exercida- que recolheu opinião unanime de mais de 80% de respondentes.

¹³ Tenha-se presente que o “nacionalismo” como ideologia não tem nada que ver com a Nação como componente da identidade social (Jaffrelot, C. 2016).

Esta é a dimensão da identidade em que os respondentes atribuíram uma classificação mais definida demonstrando ter opiniões feitas. Nas frases que se podem considerar de apoio à análise desta dimensão há apenas duas a que os respondentes atribuíram uma importância abaixo de 2,5 ou seja negativo numa escala de 1-5: a já referida 63, e a 60 sobre a importância de poder consultar o irã.

O conjunto de classificações mais altas tem a ver com o exercício de poder. O governo, presidente, a segurança, a justiça, o livre exercício do direito de voto e o acesso a informação, todos estes componentes do sistema foram assinalados como tendo uma importância alta (muito ou extremamente). A Assembleia Nacional Popular não foi colocada nas frases. A pertença a um partido, a uma associação fosse qual fosse o estatuto, a língua, a posse de terra e a possibilidade de ganhar dinheiro rapidamente, tiveram uma importância menor embora não negativa.

Refira-se ainda a classificação alta (4,3) do orgulho de ser guineense (a *Guinendadi*). Obviamente uma única frase não é suficiente para se compreender o que pensam os guineenses sobre essa componente. Tendo na memória coletiva dois feitos históricos de que se podem orgulhar – a vitória na guerra de libertação do colonialismo e a recusa a deixar-se enfeudar por aqueles que os tinham ajudado nessa guerra (URSS, China, Cuba, ...) - tem também na memória os anos passados em independência sem cumprir as expectativas de desenvolvimento que a população aspirava e que lhe foram prometidas pelo Programa Maior do PAIGC.

AS FRASES QUE APOIAM A INTERPRETAÇÃO DAS RESTANTES

Estas frases referem aspetos da identidade que são menos enquadráveis nas categorias anteriores. Ou que podem ser enquadradas em mais de uma categoria. É discutível se parte destas frases devem ou não ser enquadradas. Por exemplo a 23 - grupo social e económico - não se poderia incluir na identidade social ou na coletiva? A 33 que expressa a importância do associativismo na sociedade guineense não devia ser incluída na identidade coletiva? Ou considera-se que entre a coletiva, a social e a pessoal não se consegue decidir? E se a religião e crença (frase 10) é incluída na Identidade coletiva porque é que a frase 60 sobre poder recorrer ao irã, não se inclui também?

19- Ser homem ou mulher

23- O meu grupo social económico (média = 2,3)

30- A minha forma física (média = 2,5)

33- Ser membro de um clube desportivo, associação de tabanca, de bairro, de mulheres, bancada ou partido político (média = 2,9)

36- A minha carreira profissional (média = 4,3)

60- Saber que posso recorrer ao irã se tiver alguma aflição (média = 1,4)

67- Saber que se pode recorrer aos costumes e à justiça tradicional para resolver conflitos nas tabancas (média = 2,3)

Na análise feita em pontos anteriores procurou-se integrar estas frases nas dimensões pessoal, familiar, social e coletiva.

A resiliência como identidade social

Este ponto utiliza os dados do relatório final do projeto de dois anos contratado em 2018 entre o Centre Commun de Recherche (JRC) da Comissão Europeia, e o CESA-Centro de Estudos sobre África, e do Desenvolvimento do ISEG, Universidade de Lisboa. Esse projeto tinha por objetivo a execução de um inquérito de terreno, em duas fases sucessivas, sobre risco e resiliência de 180 famílias (acabaram por ser 194 pois os inquiridores com experiência fazem sempre mais um ou dois inquéritos para prevenir erros) em todas as oito regiões e na capital da Guiné-Bissau. Os inquéritos foram executados através de entrevistas presenciais por inquiridores nacionais experientes da Associação Nacional de Inquiridores da Guiné-Bissau (ANIGB), junto de cada agregado familiar/família, seguindo um plano metodológico desenvolvida no JRC em colaboração com o CESA.

Para a ONU a resiliência é "a capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade exposta a perigos, para resistir, absorver, acomodar, adaptar, transformar e recuperar dos efeitos de um perigo de forma oportuna e eficiente, incluindo a preservação e restauro das suas estruturas e funções básicas essenciais através da gestão de riscos"

(UNDRR,2016). E a recuperação é "a restauração ou melhoria dos meios de subsistência e da saúde, bem como os ativos económicos, físicos, sociais, culturais e ambientais, sistemas e atividades, de uma comunidade ou sociedade afetada por catástrofes, alinhando-se com os princípios do desenvolvimento sustentável e 'construir melhor', para evitar ou reduzir o risco futuro de desastres" (*op.cit.*: 21). Vários autores apontam para a analogia com descrições em estudos ecológicos em que a exposição a ameaças é um processo constitutivo no desenvolvimento de sistemas vivos, e assim o problema nunca é simplesmente como se assegurar a si mesmo, mas como se adaptar (Reid, 2012; Joseph, 2013). Para Reid (2012). um sujeito resiliente deve começar por aceitar a desastrosa situação do mundo em que vive como condição para a participação naquele mundo. Espera-se que os sujeitos resilientes se preparem e demonstrem flexibilidade e capacidade de dobrar sem quebrar. Devem ser capazes de encontrar formas proactivas de ultrapassar a crise e aproveitarem estas oportunidades para melhorarem ou "reconstruirmos melhor". Parece-nos que esta definição se pode articular com o conceito de identidade familiar e social de proximidade, como foi definido noutro ponto, considerando a resiliência quotidiana como uma das componentes da identidade.

Do inquérito executado salientem-se duas questões que julgamos evidenciar esta componente:

1ª - As perguntas sobre a relação com outros próximos e com as autoridades em situação de crise como a ausência súbita do professor da escola que as crianças frequentam, o aparecimento de violência criminosa constante na zona de residência e a destruição por incêndio da habitação.

Questão: Se o chefe de família for atingido por uma doença grave o que faz?	
a) Retirava os filhos da escola para irem trabalhar	7.9%
b) Mandava os filhos para casa de parentes	14.1%
c) Vendia os bens para a família ficar melhor	31.7%

d)Trazia um parente para tomar conta da família	39.6%
e) Outras	6.6%

Tabela 2: Questão: Se o chefe de família for atingido por uma doença grave o que faz?

Questão: Se o professor da escola se vai embora por falta de salário	
a) Contribuía para que os pais dos alunos pagassem o salário	38.3%
b) Recorria às autoridades educativas	38.1%
c) Colocava os filhos numa outra escola	21.1%
d) Outras	1.3%

Tabela 3: Questão: Se o professor da escola se vai embora por falta de salário

Questão: Se começar a haver violência na zona de residência	
a) Muda-se para outra zona	3,5%
b) Participa na defesa e vigilância da sua zona	48%
c) Faz queixa à polícia	39,6%
d) Arranja armas	8,8%

Tabela 4: Questão: Se começar a haver violência na zona de residência

Questão: Se a sua habitação for destruída por um incêndio	
a) Reconstrói a casa com ajuda de vizinhos e amigos	93.0%

Tabela 5: Questão: Se a sua habitação for destruída por um incêndio

As respostas apontam para duas conclusões: Primeiro os inquiridos procuram solucionar o problema por eles mesmos, mantendo o núcleo familiar, segundo recorrendo a outra família, a vizinhos e amigos. E, nas situações possíveis, sem abdicar da solução por essas vias, envolver também as autoridades policiais ou educativas. Ou seja, podemos afirmar que se manifesta uma articulação entre a identidade familiar, social de proximidade sem esquecer a coletiva. É, quanto a nós, uma manifestação de resiliência articulada com a identidade.

2ª - Pergunta se, numa situação de desespero por falta de recursos, aceitava enveredar por atividades ilícitas ou mesmo ilegais (transporte de droga, assaltos, jogo clandestino, trabalho para pessoas poderosas sem perguntar o que faziam). Ou seja, se aceitava violar os valores e a ética que escolhe seguir, em situação extrema de dificuldade.

Questão: Numa situação de falta de recursos grave aceitaria atividades como:	
a) Transportar droga	7.5%
b) Juntar-se a um grupo de assaltos	0%
c) Organizar um sistema de jogo clandestino	1.3%
d) Trabalhar para alguém poderoso sem perguntas	23.3%
e) Nenhuma desse tipo de atividades	67.8%

Tabela 6: Questão: Numa situação de falta de recursos grave aceitaria atividades como:

A resposta maioritária é a recusa a violar os princípios sociais ou a moral da religião que seguem e que explicitam nas observações recolhidas nos inquiridos. Afirmam ainda os inquiridos que essas opções prejudicariam o seu “bom nome”. Tais respostas são coerentes com a importância dada às frases no inquirido que segue a metodologia de auto categorização que referem a importância dos valores morais na identidade pessoal. É curioso que nas observações os inquiridos que responderam positivamente ao “transporte de drogas” justificam sempre com a mesma prática feita por pessoas com poder ou “importantes”.

As limitações deste ensaio

Este ensaio tem pelo menos três limitações que importa referir. A primeira é a metodologia de inquérito seguida via digital sem um grupo-alvo que não sejam os guineenses conhecidos pessoalmente ou amigos de Facebook com acesso fácil a internet. Para um ensaio é aceitável contanto que não se queiram tirar dos resultados conclusões de âmbito alargado.

A segunda tem a ver com a ausência de conhecimento sobre os militares guineenses. Com uma consciência de “Nação dentro de um Estado” os militares fecham-se cada vez que alguém procura recolher informações seja sobre que tema for. Por exemplo, em 2018 e em 2021 o Banco Mundial por um lado e a União Europeia por outro, pediram autorização para inquirir os estabelecimentos de saúde militares. Em ambos os casos as autorizações não foram concedidas. Esta cultura de grupo convive alegremente com a publicação no site das forças armadas de muita informação mesmo de intervenções em reuniões fechadas a militares (<https://farp.gw/>). Com a influência que os militares tiveram e têm na sociedade guineense este desconhecimento origina uma convicção que as análises feitas mesmo que sejam exploratórias ficam sempre com falhas.

A terceira limitação tem a ver com as intervenções de pessoas com responsabilidade institucional ou simbólica que fazem parte da classe política em geral por procurarem intervir nos destinos do seu país, mas que expressam opiniões em geral negativas mas com uma coerência que tem de ser considerada na análise mais aprofundada da identidade nacional.¹⁴

Veja-se o discurso do presidente da LGDH dr. Augusto Mário na distribuição dos prémios de jornalismo em 2022 dia Internacional dos Direitos Humanos sob o lema «Dignidade, Liberdade e Justiça para todos e todas».¹⁵⁾

¹⁴ Note-se que não estamos a falar dos inúmeros blogs de guineenses que existem nas redes sociais. Esses só valem a pena ser vistos por divulgarem documentos fotografias ou scans de documentos e nunca pelas opiniões ou análises expressas.

¹⁵ (<https://drive.google.com/file/d/1leCfemijGtjYX3IRRT-VjQw73aBltEA2/view>)



CENTRO DE ESTUDOS SOBRE
ÁFRICA E DESENVOLVIMENTO
ISEG - Universidade de Lisboa

Ou os textos que pessoas como a Dra. Nelvina Barreto publicam regularmente no Facebook, em rádios ou encontros. Se as intervenções de líderes partidários podem ser enquadradas numa forma de fazer política que implica ser muito negativista sobre a realidade (na Guiné-Bissau e em muitos outros países) enquanto não se está no poder, existem cidadãos homens e mulheres cujas opiniões devem ser tomadas em conta para pensar na identidade do seu povo sejam elas negativas ou positivas.

Neste ensaio tal não foi feito.



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Conclusões

QUAL É A IDENTIDADE SOCIAL GUINEENSE DE ACORDO COM OS INQUIRIDOS?

1º - Os guineenses inquiridos têm uma identidade social muito equilibrada com pesos muito similares entre o indivíduo, a família, a sociedade próxima e a coletiva.

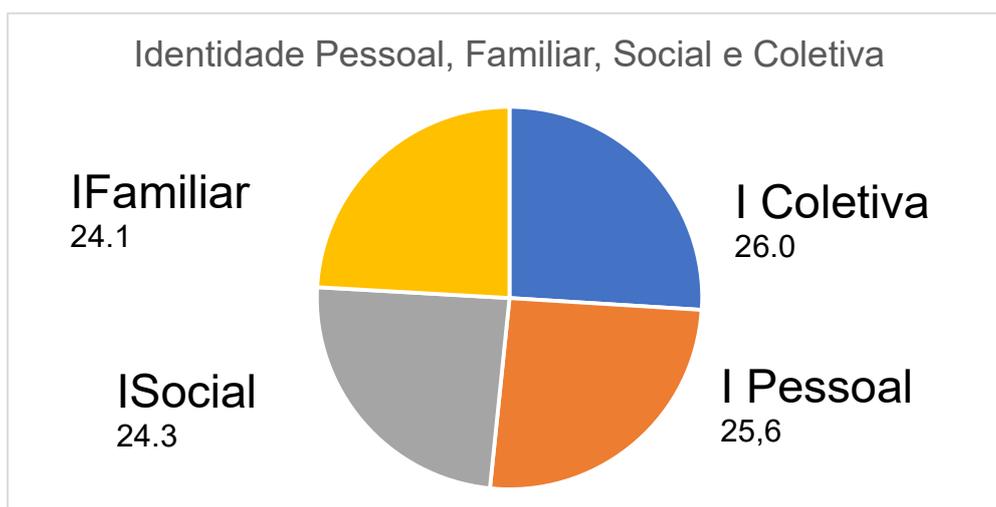


Gráfico 2: Identidade social guineense de acordo com os inquiridos.

2º - Consideram os valores, os objetivos e a esperança no futuro como as componentes mais importantes da sua Identidade Pessoal.

3º - Consideram a organização na família importante, mas recusam os costumes hoje considerados negativos de poder de uns membros sobre outros.

4º - São contra a desigualdade não querendo ser diferentes uns dos outros, mantendo uma resiliência apoiada na ligação entre o individual, o familiar, o social próximo e o coletivo.

5º - Definição de identidade social guineense pela positiva:

- Orientam a sua vida pessoal por valores e objetivos pensados para o futuro.
- Orientam a sua vida familiar pelo objetivo de ter uma família com uma vida estável, e serem bons/boas chefes de família.
- Orientam a sua vida profissional pela procura de um trabalho e de uma carreira profissional para o qual se sintam motivados(das) mais do que pelo dinheiro que ganhem.
- Orientam a sua vida social de proximidade pela prossecução do diálogo e da procura da contribuição de todos, considerando que a instrução/educação é um contributo muito importante para esse requisito de sociabilidade.
- Orientam a sua vida coletiva pela importância dada à segurança, à justiça, ao governo, ao presidente, a eleições livres e informadas.
- Atribuem uma enorme importância a terem orgulho no seu país (*Guinendadi*).

6º - Definição da identidade social guineense pela negativa:

- Recusam atribuir qualquer importância (média abaixo de 2,0) a um homem ter várias mulheres, à família decidir sobre casamento, a poderem recorrer ao irã, a ser responsávelidade do homem pôr comida na mesa e de ter no trabalho um chefe homem.
- Recusam atribuir importância (média entre 2,0 e 2,5) à procura de ser diferente dos outros, à popularidade e atração dos outros por si, aos grupos de idade e aos grupos sociais económicos, à etnia de pertença e à possibilidade de recorrerem à justiça tradicional. Também na importância de conhecer várias gerações anteriores da família os respondentes atribuíram uma baixa importância.
- Dão pouca importância (média entre 2,6 e 2,7) à religião, aos partidos e à língua.

7º - As áreas do “mais ou menos” na identidade guineense

Há várias áreas nas frases apresentadas para atribuição de importância que refletem o sentimento de “mais ou menos”, ou seja, refletem uma ausência de opinião, que é também uma resposta defensiva de quem não quer, não sabe ou não pensou o

suficiente para exprimir opinião positiva ou negativa. Consideramos essas áreas as que têm médias entre 2,8 e 3,9.

Assim os guineenses respondentes consideram de importância “mais ou menos” a maioria das frases na identidade pessoal (75%) e na identidade familiar (68%), revelando pouca reflexão sobre esses tipos de identidades. Já na identidade social (43%) e na identidade coletiva (18%) as opiniões de avaliação estão mais bem definidas. Sobretudo na identidade coletiva os respondentes têm claramente opiniões – positivas ou negativas – sobre a grande maioria dos temas colocados nas frases, evidenciando assim a sua atenção à governação do país.

8º - O desenvolvimento

O tema do desenvolvimento tornou-se a questão central nas aspirações futuras dos guineenses. Não é de agora essa evolução. Já em 2008 Sangreman, Barros, Zeferino e Sousa Júnior, tinha realçado que os discursos de candidatos à presidência ou à Assembleia Nacional Popular se empenhavam, acima de outros temas, em convencer o eleitorado que eram os melhores para desenvolver o país.

Mais que a unidade nacional, a ideia de Amílcar Cabral (escrita na parede da Casa dos Direitos em Bissau) que as pessoas lutam antes de mais para ter uma vida melhor e com dignidade foi-se transformando na síntese daquilo que os guineenses aspiram de quem demonstre ser capaz de fazer o país desenvolver-se mais, independentemente das ideologias.

Por isso quando respondem ao inquérito baixam a importância das frases referentes aos partidos políticos, mas sobem a exigência a governo e presidência. Também por isso os votos eleitorais vão mais para quem consideram poder responder melhor e essas expectativas do que para quem tem uma ideologia mais clara e coerente.

Sugestões desta análise para a prática política no país

1ª - A formulação de políticas deve ser pensada e explicada nas suas dimensões pessoais, familiares, sociais e coletivas pois os guineenses dão importância muito igual a todas as dimensões da identidade.

2ª - Deve ser salientado que as políticas propostas ou aprovadas incluem a promoção da igualdade entre os guineenses que não veem com bons olhos serem considerados diferentes uns dos outros.

3ª - As políticas direcionadas para a família para intensificarem a ligação entre os membros da família são bem aceites.

4ª - Igualmente são bem aceites aquelas políticas com objetivos ligados ao fim de costumes ligados ao casamento forçado e ao reforço da monogamia.

5ª - As políticas devem ter em consideração que os guineenses estão muito atentos à governação e tem opiniões definidas sobre as instituições de exercício do poder político.

6ª - As políticas devem ter como questão central a promoção do desenvolvimento nas suas múltiplas dimensões com a educação e saúde como primeiras prioridades. A ideia de um contrato social para o desenvolvimento (World Bank, 2021) pode ser uma síntese das políticas em que os guineenses se revejam.

7ª - O descrédito nas instituições, mesmo em situações de crise, leva à aceitação da informalidade social em muitos aspetos da vida que as políticas devem combater pois prejudica o desenvolvimento do país.

Referências bibliográficas

- Almeida, O.T. (1995), “Em busca da clarificação do conceito de identidade cultural: o caso açoriano como cobaia”, in Separata de A autonomia no plano sócio-cultural, vol. 2, Jornal de Cultura. Ponta Delgada.
- Augel, M.P. (2007) O desafio do escombro, nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau, Garamond, Rio de Janeiro
- Barros, F. de (1999). Kikia Matcho. O desalento do combatente. Caminho. Lisboa.
- Bedin, F. e Castagna, V.R. (2010). East Timor: building of an identity.
- [Briggs](#), S.R. & [Cheek](#), J.M. (1982). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales, [Journal of Personality Volume 54, Issue 1](#) p. 106-148.
- Brites R. (2011). Valores e felicidade no Seculo XXI: um retrato sociológico dos portugueses em comparação europeia. Tese de doutoramento. ISCTE-IU
- Buss, A. H. (1980) Self-consciousness and social anxiety. Freeman, San Francisco.
- Cabral, A. (1974) Alguns Princípios do Partido. Capítulo II Realidade, Seara Nova.
- Caomique, P.G. (2022). Estado e poder tradicional na Guiné-Bissau: uma análise da (re) inserção dos líderes tradicionais de Caió no cenário político e administrativo (1991-2020) Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia.
- Carmo, H., Serra F. & Marujo H. (2022). Educação para a Paz Global Sustentável. Editora Pactor.
- Carvalho, C. (2000). A Revitalização do Poder Tradicional e os Regulados Manjaco da Guiné-Bissau. Etnográfica, Lisboa.
- Cheek, J.M. & Briggs, S.R. (1981). Self-consciousness, self-monitoring, and aspects of identity. Paper presented at the meeting of the American Psychological Association, Los Angeles.
- Cheek, J.M. & Briggs, S.R. (2013). Aspects of Identity Questionnaire (AIQ-IV). Measurement Instrument Database for the Social Science.

- Cheek, J.M., Shannon S., and Tropp, L.R. (2002) Relational Identity Orientation: A Fourth Scale For The Aiq. Wellesley College; Boston College Society for Personality and Social Psychology Annual Meeting, Savannah
- Cheek, J.M., Tropp, L. R., Chen, L. C., & Underwood, M. K. (1994). Identity Orientations: Personal, social, and collective aspects of identity. Paper presented at the meeting of the American Psychological Association, Los Angeles.
- Dingana P. F. A. (2020). Narrativas sobre a guinendade/i: identidade nacional e diversidade étnica na Guiné-Bissau. Universidade Federal do Ceará, Brasil.
- Djaló, T. (1997), O mestiço e o poder, identidades, dominações e resistências na Guiné – Bissau, editado em 2012, Nova Veja, Lisboa.
- Erikson, E. H. (1976), Identidade, Juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- Feijó, M. C. (1984). O que é herói. Coleção Primeiros Passos, vol. 139. São Paulo: Editora Brasiliense S/A.
- Filho, W.T. (2000). Outros rumores de identidade na Guiné-Bissau, Série Antropologia, Universidade de Brasília.
- Guerreiro, A. (2022) Revista Electra, nº 16, pags.18-20, Fundação EDP, Lisboa.
- Halpern, C. (org.) (2016) Identité(s) L´individu, le groupe, la société, Éditions Sciences Humaines, Ouvrages de synthèse, Auxerre.
- Handen, D.L. (1986). [Nature et fonctionnement du pouvoir chez les Balanta Brassa](#). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, Bissau.
- Hervieu-Léger, D. (2016), La transmission des identités religieuses, Identité(s) L´individu, le groupe, la société.
- Hook, S. (1945). Os heróis através da história. Editora Universitária Ltda. São Paulo
- Jaffrelot, C. (2016). Les origines idéologiques du nationalisme. Identité(s) L´individu, le groupe, la société.
- Joseph, J. (2013). "Resilience as embedded neoliberalism: a governmentality approach." Resilience Vol. 1, Routledge.
- Lopes, C. (1982) Etnia, Estado e Relações de Poder na Guiné-Bissau. Edições 70, Lisboa.

- Lopes, C. (1987). [A Transição Histórica na Guiné-Bissau](#) : do Movimento de Libertação Nacional ao Estado. INEP. Kacu Martel. Bissau
- Lourenço, E. (1988). O labirinto da saudade, Coleção Pensadores do século XX, Círculo dos leitores. Lisboa.
- Maalouf, A. (1998). As identidades assassinas, ed.2002, Edições Difel, Lisboa..
- Marujo, H., Neto, L. & Ceitil, M. (2019). Humanizar as Organizações: Novos sentidos para a Gestão de Pessoas. RH Editora. Lisboa.
- Marujo, H., Perloiro, M.F. & Neto, L. (2020). Educar para o Optimismo (19ª edição). Editorial Presença, Lisboa
- Mendes, P. R. (2013), Guiné – Bissau: 40 anos de impunidade, LGDH, Bissau.
- Mendes, P. R. (2019), Os militares e a impunidade legítima, capítulo 4. Guiné-Bissau – Notas sobre o presente e o futuro. CESA - ISEG/Universidade de Lisboa <https://www.researchgate.net/publication/337448432>
- Moreira, J.K. (2013). A "cultura di matchundadi" na Guiné-Bissau: género, violências e instabilidade política, Sistema Solar, Lisboa.
- O'Neil, B.J. (1997), "A tripla identidade dos portugueses de Malaca", in Oceanos, nº32.
- Reid, J. 2012. "The Disastrous and Politically Debased Subject of Resilience." Development dialogue 58: 67-82
- Robinson, A.L. (2009). National versus Ethnic Identity in Africa: State, Group, and Individual Level Correlates of National Identification. Working Group in African Political Economy University of California, Berkeley
- Sampson, E. E. (1978) Personality and the location of identity. Journal of Personality, 46, 552-568.
- Sangreman, C., Júnior, F., Zeverino G. e Barros, M. (2008) Guiné – Bissau (1994-2005). Um estudo social das motivações eleitorais num Estado frágil, Lusotopie, XV (1), BRILL, Bordéus.
- Santos, M.S. (1998) Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Rev. bras. Ci. Soc. vol. 13 n. 38 São Paulo Oct.Nova Vega. Lisboa.

- Tajfel, H. & Turner, J. (1979) An integrative theory of intergroup conflict, University of Bristol, UK.
- Tembo, J. (2016) African Identity: a question of conceptual and theoretical purchase. University of Pretoria.
- UNDRR. (2016). Report of the open-ended intergovernmental expert working group on indicators and terminology relating to disaster risk reduction. Disponível em: <https://www.undrr.org/publication/report-open-ended-intergovernmental-expert-working-group-indicators-and-terminology>.
- Urdang, S. (1979). Fighting two colonialisms: women in Guinea-Bissau. New York: Monthly Review Press
- Valentim, J.P. (2008). Identidade pessoal e social: entre a semelhança e a diferença. *Psychologica*, 47, p.109-123.
- Weber, M. (1904). A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, G. (Org.). *Sociologia: Max Weber*. São Paulo: Editora Ática, ed.2003.
- World Bank (2021) Social Contracts for Development: Bargaining, Contention, and Social Inclusion in Sub-Saharan Africa. Africa Development Forum Series.
- Yin, R., Etilé, F. (2019) Measuring Identity Orientations for Understanding Preferences: A French Validation of the Aspects-of-Identity Questionnaire. halshs-02057130.

Anexos

ANEXO I

O questionário sobre a identidade dos guineenses

Eu, Carlos Sangreman, e a Raquel Faria, investigadores do CEa (Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento) da Universidade de Lisboa, estamos a realizar uma investigação sobre a identidade social guineense de modo a tentar perceber a razão pela qual o desenvolvimento da Guiné não é muito melhor que o atual.

Percebemos que se sabe muito pouco sobre a **identidade social** dos guineenses mesmo consultando autores nacionais conceituados que escrevem sobre temas onde poderiam usar esse conhecimento. Organizámos, portanto, este questionário com base em investigação nos EUA e naquilo que é o conhecimento de 36 anos de trabalho e pesquisa sobre a Guiné-Bissau.

Os resultados serão enviados a todos os que recebem esta mensagem e se quiserem comentar, os vossos nomes serão incluídos no texto final. Peço-vos que acedam e respondam ao questionário que se encontra no link que partilho. A confidencialidade é garantida. <https://forms.gle/dHQ2SrDPckkXcQUH8>

Ou:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdoexOGNi2NrEB_EcVzkSX8O9NiPHTnbrlgz2dmV03-Zy2wmA/viewform

Assim pedimos que marquem na linha logo abaixo de cada frase com uma classificação da importância que consideram ter nas vossas vidas aquilo que cada frase diz:

1 = **Não** penso que seja importante

2 = Tem **alguma** importância

3 = É **bastante** importante

4 = É **muito** importante

5 = É **extremamente** importante

As respostas são confidenciais ao abrigo da legislação sobre segredo estatístico que é igual em Portugal e na Guiné-Bissau.

Obrigada pela vossa colaboração.

Carlos Sangreman

Raquel Faria

1	As minhas coisas
2	Os meus valores morais
3	A minha popularidade
4	Ser de uma família com muitas gerações conhecidas
5	Os meus sonhos imaginados
6	O modo como as outras pessoas reagem ao que digo e faço
7	A minha etnia

8	Os meus objetivos e esperanças no futuro
9	A minha aparência física
10	A minha religião e a minha crença
11	As minhas emoções e sentimentos
12	A minha reputação ou bom nome junto dos outros
13	Os lugares onde vivi e cresci
14	Os meus pensamentos e ideias
15	A atração dos outros por mim
16	O meu grupo de idade

17	O modo como os outros vêem a minha personalidade
18	O modo como lido com as minhas ansiedades e medos
19	Ser homem ou mulher
20	O meu comportamento social
21	O meu sentimento de ser único diferente dos outros
22	A minha relação com família e amigos
23	O meu grupo social económico
24	O meu sentimento de pertença a uma comunidade
25	Saber que o meu íntimo é sempre o mesmo seja quais forem as voltas que a vida dá
26	Ser um bom amigo daqueles de quem gosto

27	Aquilo que penso de mim mesmo
28	Ter uma relação íntima duradoura
29	O meu orgulho no meu país
30	A minha forma física
31	A capacidade de partilhar experiências importantes com os meus amigos
32	A avaliação que faço de mim mesmo
33	membro de um clube desportivo, associação de tabanca, de bairro, de mulheres, bancada ou partido político
34	Ter uma relação íntima em que ambos sejam felizes com um(a) companheira(o)
35	Ser capaz de ouvir as opiniões dos outros

36	A minha carreira profissional
37	Ligar-se a um nível íntimo com outra pessoa
38	O meu compromisso político/partidário
39	Minha vontade de compreender bem o meu parceiro/a ou amigos(as) próximos(as)
40	A minha instrução escolar
41	Ter laços estreitos com outras pessoas
42	A minha capacidade de falar a língua materna, o crioulo e o português pelo menos
43	O meu sentimento de ligação com aqueles que estou perto
44	O meu papel de estudante

45	A minha orientação sexual, seja heterossexual, homossexual ou bissexual.
46	Ter os meios de poder falar a distância com os meus amigos e familiares
47	Ter acesso a terra para plantar para comer
48	Ter salário alto seja qual for o trabalho
49	Ter um trabalho que goste ganhe o que ganhar
50	Ter filhos e filhas
51	Saber que posso ter ajuda e que posso eu ajudar a família e os vizinhos
52	Ter terra com produtos para vender
53	Ter um governo que faça boas escolas e bons hospitais

54	Ter uma justiça de confiança
55	Ter uma polícia que garanta a segurança
56	Ter um presidente que promova o desenvolvimento
57	Poder votar para eleições em quem achar melhor
58	Ter um comité de bairro ou de tabanca a funcionar
59	Ser um bom chefe de família
60	Saber que posso recorrer ao irã se tiver alguma aflição
61	Saber que consigo arranjar um modo de ganhar dinheiro rapidamente
62	Saber que se trabalhar com vontade consigo ganhar dinheiro para viver bem.

63	Ter família com um chefe homem
64	Os mais velhos orientem os jovens sobre a vida
65	Um homem tenha dinheiro para ter várias mulheres
66	Que a família escolha os casamentos
67	Saber que posso recorrer aos costumes e à justiça tradicional para resolver conflitos nas tabancas
68	A responsabilidade de pôr comida na mesa é do homem
69	Todos os homens e mulheres adultos da família devem contribuir para o bem-estar
70	Ter informação sobre o que se passa no meu país